

## Índice

|   |     |
|---|-----|
| Epigrafia   | 7   |
| Prólogo   | 11  |
| I. O Pão da Tristeza                                  | 15  |
| II. Contra Um Abandono: O Caso M.                     | 63  |
| III. A Casa Amarela                                   | 81  |
| IV. <i>Time Bomb</i> (Para abrir após o fim do mundo) | 127 |
| V. A Caixa Verde                                      | 161 |
| VI. O Comprador de Histórias                          | 191 |
| VII. O Outono do Mundo                                | 215 |
| VIII. Física Elementar da Tristeza                    | 251 |
| IX. Finais  | 289 |
| Epílogo   | 295 |
| <br>  |     |
| Agradecimentos  | 301 |
| <br>  |     |
| Notas   | 303 |

I.

O Pão da Tristeza

## O Feiticeiro

E então um feiticeiro arrancou-me o boné da cabeça, enfiou o dedo através dele e fez um buraco assim deste tamanho. Desatei a chorar, como é que eu ia voltar para casa com o boné esburacado. Ele riu-se, deu um sopro no boné e este, como por milagre, voltou a ficar como era antes. Grande feiticeiro!

É um mágico, ó avô, oiço-me a mim próprio dizer.

Naquela altura eram feiticeiros, diz o meu avô, só mais tarde é que se tornaram mágicos.

Mas ali estou eu, com 12 anos, devemos estar em 1925. E aqui está a moeda de cinco que aperto na minha mão fechada, toda suada, sinto o seu rebordo. É a primeira vez que estou sozinho numa feira, e com dinheiro para gastar.

*Por aqui, boa geeente... Venham ver a serpente pitão que tem três metros da cabeça até à cauda e outros três da cauda até à cabeça...*

Fogo! Que raio de serpente será esta com seis metros de comprimento!?!... Espera lá, onde vais tu sem pagar, passa para cá uma moeda de cinco... Mas é tudo o que eu tenho, não vou gastá-la com uma cobra qualquer...

Em frente estão a vender pomadas, argila e tintas para o cabelo.

*Tiintas para os cabeeelos, juízo para os cameeelos...*

Mas quem é aquele homem com umas velhotas a choramingar à sua volta?

*... Nikoltcho, prisioneiro de guerra, quando a casa finalmente regressou, ouviu dizer que a sua jovem noiva por outro se enamorou, foi esperá-la junto ao poço e a cabeça lhe cortou, e a cabeça*

*pelos ares voava e falava, ó Nikoltcho, o que fizeste tu... Vá lá, velhinhas, chegou a altura de chorarem,... E as velhinhas choram, choram... e não deixem de comprar o cancionero para perceberem o enorme erro que foi cometido e como uma noiva inocente foi assim sacrificada...* declama o vendedor de cancioneros. Que raio de erro terá sido aquele?...

Gente e mais gente a empurrar-me e eu a apertar o dinheiro dentro da mão, vê lá se não to roubam, disse-me o meu pai quando mo deu.

*Stop. Agop. Xarop.* Escrito numas grandes, xaroposas letras cor-de-rosa. Engulo em seco. Não sei se não beber um...

*Provem os meus galiititos de açúúúcar...* tentava-me o diabo disfarçado de velha arménia. *Quem gosta de rebuçados é aqui que encontra os mais açucarados.* E agora? Um copo de xarope *Agop* ou um galito de açúcar? Fico estacado entre os dois, a engolir saliva, e não consigo tomar uma decisão. O meu avô dentro de mim não consegue decidir-se. Agora percebo de onde vem esta minha indecisão que me irá atormentar para o resto da minha vida. Estou a ver-me a mim próprio ali parado, magro, esguio, com o joelho esfolado, o boné prestes a ser esburacado pelo feiticeiro, com a boca aberta e a ser tentado pelo mundo que se oferece em meu redor. Afasto-me um pouco mais, vejo a minha imagem como se fora um pássaro, toda a gente à minha volta se move e eu parado, o meu avô também parado está, os dois no mesmo corpo.

Zás, uma mão arranca-me o boné da cabeça. Tinha chegado à mesinha do feiticeiro. Calma, não vou chorar, sei muito bem o que se vai passar a seguir. E ali está o dedo do feiticeiro a sair do outro lado do tecido do boné, mas que grande buraco! A multidão à minha volta ri-se às gargalhadas. Alguém me dá um caldo no pescoço, tão forte que até me vêm as lágrimas aos olhos. Fico à espera, mas parece que o feiticeiro se esqueceu da continuação da história, põe de lado o meu boné esburacado, aproxima a mão da minha boca, fá-la girar e, que horror, os meus lábios ficam selados. Não consigo abrir a boca. Fiquei mudo e as pessoas à minha volta estão quase a reben-tar de tanto rir. Tento gritar, mas só me sai da garganta uma espécie de mugido. Mmmm. Mmmm.

*Harry Stoev à feira chegou. Harry Stoev da América regressou...*

E um homem corpulento, com um fato cidadão, vai abrindo caminho por entre a multidão que sussurra respeitosamente e o cumprimenta. Harry Stoev — o novo Dan Kolov<sup>3</sup>, o sonho búlgaro. As suas pernas valem um milhão em dinheiro americano, diz alguém atrás de mim. Faz-lhes uma chave com as pernas e os outros ficam estrangulados, não conseguem mexer-se. Ah, chama-se a isso uma chave mortal, sussurra outro.

Consigo imaginar claramente os lutadores estrangulados, derrubados uns ao lado dos outros em cima do tapete, e sinto que me começa a faltar o ar, como se fosse eu que tivesse sido apanhado pela chave mortal de Harry Stoev. Afasto-me rapidamente enquanto a multidão começa a andar atrás dele. E então oiço alguém a gritar nas minhas costas:

*Por aqui, pessoal... A criança com cabeça de touro. Um prodígio nunca visto. O pequeno Minotauro do Labirinto, com apenas doze anos... Podem gastar as cinco levas a comer, podem gastar essas cinco levas a beber ou então pelas mesmas cinco levas vão poder contar durante o resto da vossa vida aquilo que aqui irão ver.*

De acordo com a recordação do meu avô, ele não entrou ali. Mas agora sou eu quem está na Feira dessa recordação, sou ele, e sinto-me irresistivelmente compelido a entrar. Entrego a moeda de cinco, despeço-me da cobra pitão e dos seus duvidosos seis metros, do copo de xarope gelado *Agop*, da história do prisioneiro Nikoltcho, dos galitos de açúcar da velha arménia, da chave mortal de Harry Stoev e penetro na tenda. Onde está o Minotauro.

Daqui em diante, o fio da recordação do meu avô vai-se adelgçando, mas não se rompe. Ele afirmava que não se tinha atrevido a entrar, mas eu estou a conseguir. Deve tê-lo calado fundo. Como poderia eu estar aqui, na sua recordação, e continuar em frente sem que ele tivesse estado aqui antes? Não sei, mas há qualquer coisa que não está bem. Já estou dentro do labirinto que se revela ser uma grande tenda mergulhada na penumbra. Aquilo que vejo é muito diferente das ilustrações a preto-e-branco do meu livro preferido sobre os mitos da Grécia Antiga, onde vi pela primeira vez o mons-

tro Minotauro. Não tem nada a ver. Este Minotauro não é assustador, é triste. Um Minotauro melancólico.

No centro da tenda há uma jaula de ferro com cerca de cinco ou seis passos de comprimento e com uma altura ligeiramente superior ao tamanho de uma pessoa. As finas barras de metal começaram a escurecer por causa da ferrugem. No interior da jaula, vêem-se um colchão e um pequeno banco com três pernas num dos cantos e, no outro, um balde cheio de água e um pouco de palha espalhada pelo chão. Um canto para o homem, outro para a fera.

O Minotauro está sentado no banco, de costas para o público. O que choca não é ele se parecer com uma fera, mas sim o facto de ser ainda, de algum modo, um ser humano. É precisamente a parte humana que assombra. Tem um corpo de rapaz, absolutamente igual ao meu.

Primeiros pêlos de adolescente nas pernas, pés com dedos compridos, não sei bem porquê estava à espera de ver cascos. Calções deslavados que lhe chegam até aos joelhos, camisa de manga curta e... cabeça de um jovem touro. Ligeiramente desproporcionada em relação ao corpo, grande, peluda e pesada. Como se a natureza tivesse hesitado. E tivesse deixado o trabalho a meio, entre o touro e o homem, por ter ficado assustada ou se ter distraído. Aquela cabeça não é só a de um touro, nem só a de um homem. Mas como descrever uma coisa assim quando a própria língua também hesita e se bifurca. O rosto (ou o focinho?) é alongado, a testa ligeiramente recuada, mas mesmo assim maciça, com uns ossos salientes por cima dos olhos. (Na realidade, todos os homens da minha família têm testas semelhantes. Nessa altura, passo involuntariamente a mão pelo meu próprio crânio.) A sua mandíbula é muito proeminente, compacta, os lábios bastante grossos. É sempre na mandíbula que se esconde aquilo que é mais animal, é a última parte a ser abandonada pela besta. Os seus olhos, devido ao rosto (ou o focinho) ser alongado e achatado dos lados, estão afastados um do outro. Em toda a superfície facial há uma espécie de penugem acastanhada, não barba, mas sim penugem. Só ao chegar às orelhas e ao pescoço é que essa penugem se torna mais espessa, convertendo-se em pelagem,

os pêlos crescem de forma selvagem e caótica. Mas mesmo assim, parece mais uma criatura humana do que qualquer outra coisa. Há nele uma tristeza que nenhum animal possui.

Quando a tenda se enche, o homem ordena ao rapaz Minotauro que se levante. Este ergue-se do banco e olha pela primeira vez para a multidão amontoada dentro da tenda. Percorre-nos com o seu olhar, sendo obrigado a girar a cabeça de um lado para o outro por ter os olhos laterais. Parece-me que pausa mais demoradamente o olhar sobre mim. Será que temos a mesma idade?

O homem que nos levou para dentro da tenda (o seu proprietário ou seu tutor) começa a contar a sua história. Uma mistura estranha de lenda e biografia, que foi sendo composta e adaptada ao longo das suas muitas repetições em feiras. Uma história onde as épocas se perseguem e se entrelaçam. Alguns acontecimentos estão a ocorrer agora, outros num passado longínquo e imemorial. Os espaços também se confundem, palácios e caves, reis cretenses e pastores daqui constroem o labirinto dessa história sobre o rapaz Minotauro, até que nos perdemos nela. A narrativa serpenteava como se fosse um labirinto e eu nunca seria capaz, infelizmente, de voltar atrás seguindo os seus passos. Uma história de corredores sem saída, de fios que se rompem, de lugares cegos e de flagrantes incoerências. Quanto mais inverosímil parece, mais se acredita nela. O pálido relato em linha recta, desprovido da magia daquela narrativa, o único que me sinto capaz de transmitir neste momento, conta mais ou menos o seguinte:

O Helias, o avô materno do rapaz, era o encarregado do Sol e das estrelas, à noite fechava o Sol à chave e conduzia as estrelas pelo céu como se levasse um rebanho em pastoreio. De manhã, guardava o rebanho e abria a porta ao Sol para este poder ir pastar. A filha do ancião, a Pasifota, a mãe deste rapaz que aqui vêem, era uma mulher plácida e formosa, tinha-se casado com um rei poderoso, lá para baixo, algures nas ilhas. Tudo isso se passou há muito tempo, ainda antes das guerras. Era um reino muito próspero e o próprio Deus (o deles, o Deus local) gostava, dizem, de vir beber uns copos com o rei das ilhas, respeitavam-se mutuamente, e chegou mesmo a ponto

de o presentear com um grande touro de pêlo branco, uma autêntica maravilha. Os anos passaram e, um dia, o Deus exigiu que esse mesmo touro lhe fosse oferecido em sacrifício. O rei Minoco (é Minos, Minos... gritou alguém) deixou-se dominar pela avareza e resolveu enganar o Deus, degolando um outro touro, igualmente grande e bem nutrido. Mas quem é capaz de enganar Deus? Este apercebeu-se do engano, ficou furioso e disse para si próprio: vou engolir este sapo, mas ele já vai ver com quem é que se meteu! Arranjou maneira da Pasifota, a plácida e fiel esposa do Minoco, cair em pecado com aquele mesmo touro garboso. (Aqui ouve-se um murmúrio de reprovação entre a multidão.) E daí nasceu um bebé, com corpo de homem, mas com o rosto de touro, com a cabeça de um touro. A mãe amamentava-o e cuidava dele, mas o ultrajado rei Minoco não conseguia superar essa desonra. Teve, porém, pena do bebé Minotauro e não o matou, ordenando que o fechassem nas caves do palácio. Caves essas que eram um autêntico labirinto, um mestre-pedreiro tinha-o construído de tal maneira que uma vez tendo entrado lá dentro já não se conseguia sair. O mestre-pedreiro devia ser originário da nossa terra, um rapaz cá dos nossos, porque é aqui que estão os melhores, enquanto os gregos são uns preguiçosos. (Um burburinho de aprovação percorreu a tenda.) Esse mestre-pedreiro acabou, todavia, por não ganhar nada com isso, mas essa é uma outra história. Atiraram o rapaz lá para dentro, com três anos, separado da mãe e do pai. Imaginem o que deve ter sofrido a sua alma angelical nessa masmorra macabra. (Aqui as pessoas começaram a fungar apesar de fazerem exactamente o mesmo aos seus próprios ranhosos, não para a eternidade, claro, só por uma hora ou duas, trancando-os atrás das grossas paredes das caves.) Enfiaram-no na escuridão, continuou o narrador, o miúdo chorava dia e noite, chamava pela mãe. Finalmente, a Pasifota conseguiu convencer o mestre-pedreiro que fizera o labirinto a trazer às escondidas o rapaz cá para fora, e a colocar no seu lugar um jovem touro verdadeiro. Mas isso não está no livro, interrompe novamente o sabichão da multidão. Pois, esclarece o narrador, por isso deve ficar entre nós para que o embuste não chegue aos ouvidos do rei cretense Minoco, porque ele ainda não faz a menor ideia do que aconteceu. E foi assim que libertaram em segredo o rapazinho com a

cabeça de touro e também em segredo o embarcaram num navio com destino a Atenas (o mesmo navio que ia buscar sete jovens rapazes e raparigas de Atenas, alegadamente para o Minotauro). O pequeno Minotauro desembarcou em Atenas, ali foi encontrado por um velho pescador que o escondeu na sua cabana, que tomou conta dele durante um ou dois anos e que depois o entregou a um dos nossos, um pastor que costumava descer para sul, até ao mar Egeu, para levar a pastar os seus bois durante o Inverno. Fica com ele, disse-lhe o pescador, porque ele não vai encontrar a paz entre os homens, espero que ao menos os bois o aceitem como um deles. Pois bem, foi esse mesmo pastor que mo veio entregar pessoalmente há uns anos. Nem os bois o querem, disse-me ele, não o aceitam como um deles, ficam assustados, o meu rebanho dispersa-se e por isso eu já não o posso levar comigo. Desde então andamos de feira em feira, eu e este pobre órfão, abandonado tanto pelo pai, como pela mãe, nem homem entre os homens, nem touro entre os touros.

Enquanto dura essa narrativa, o Minotauro mantém a cabeça baixa, como se a história nada tivesse a ver com ele, só de vez em quando emite um surdo som gutural. O mesmo som que eu também emitia com a boca selada.

E agora mostra lá como bebes água, mandou o amo, e o Minotauro, visivelmente desagradado, cai de joelhos, mergulha a cara no balde e começa a sorver. E agora cumprimenta toda esta boa gente. O Minotauro fica calado, a olhar para o chão. Cumprimenta as pessoas, repete o homem. Só agora reparo que numa das mãos tem uma vara com um aguilhão afiado na ponta. O Minotauro abre a boca e solta um som profundo e rouco, mais parecido com um mugido, um Muuuuu... pouco amável.

É assim que termina a sessão.

Viro-me para trás antes de sair (em último lugar) da tenda e por um segundo os nossos olhares voltam a cruzar-se. Nunca me vou ver livre da sensação de já ter visto esse rosto em algum sítio.

Já no exterior, apercebo-me de que a minha boca continua selada e o meu boné furado. Desato a correr em direcção à banca, mas não

há nem rasto do feiticeiro. Foi assim que saí da recordação, ou melhor, foi assim que deixei ali o meu avô de doze anos. Com a boca selada e o boné furado. Mas porque terá ele sentido a necessidade de omitir no seu relato que tinha entrado na tenda do Minotauro?

## Muuuuu

Não lhe perguntei nada na altura porque ele iria perceber que eu era capaz de entrar nas recordações dos outros, e esse era o meu maior segredo. Além de que eu detestava a Casa Amarela onde me teriam certamente levado, tal como levaram a cega Mariazinha por ela ver coisas que estavam ainda para acontecer.

De qualquer forma, consegui sorrateiramente saber mais algumas coisas pelas irmãs do meu avô, que eram sete no total, e que cada Verão, enquanto ainda eram vivas, vinham visitá-lo, todas vestidas de preto, magras e secas como gafanhotos. Uma tarde apanhei a mais velha e a mais faladora de todas elas e comecei a fazer-lhe perguntas para saber como era o meu avô quando era criança. Antes, tinha ido comprar-lhe bolachas e limonada, pois todas elas adoravam coisas doces, e com isso arranquei-lhe a história toda.

Fiquei então a saber que, quando era criança, o meu avô ficara de repente mudo. Quando voltou da feira da aldeia só conseguia mugir, não era capaz de articular uma única palavra. A mãe levou-o à velha Bruxa para, como se dizia correntemente, ela lhe “fundir a bala”. Esta logo que olhou para o miúdo disse: apanhou um grande susto, este teu rapaz, foi isso que aconteceu. Depois pegou numa bala de chumbo, colocou-a num tacho de ferro, pô-la a aquecer no fogo até derreter e começar a rechinar. Durante a fundição da bala, o chumbo adopta a forma daquilo que provocou o susto. O medo entra no chumbo. Depois dorme-se com esse pedaço de chumbo várias noites antes de o atirar a um rio, para uma água a correr, que o possa levar para longe. Três vezes fundiu o chumbo a velha Bruxa e três vezes apareceu a cabeça de um touro, com os cornos, o focinho e tudo o

resto. Algum touro na feira deve ter-lhe pregado um susto, disse a minha tia-avó, era ali onde as pessoas das aldeias vizinhas vinham vender os animais, búfalos, bois, ovelhas, rebanhos inteiros. Durante seis meses não disse uma palavra, só mugia. A velha Bruxa vinha quase todos os dias, fumigava-o com todo o tipo de ervas, penduravam-no de cabeça para baixo em cima dos restos do jantar para que o medo caísse. Até chegaram a degolar um bezerro, obrigando-o a ver, mas ele tinha revirado os olhos, desmaiara e acabara por não ver nada. Ao fim de seis meses, tudo lhe passou naturalmente. Um dia, entrou em casa e disse: Mãe, vem depressa, a cega Nera pariu. Tinham uma vaca com esse nome. Foi assim que os seus lábios se descolaram. Obviamente, obtive a maior parte dos pormenores da história entrando furtivamente na recordação da minha tia-avó. Ela chamava-se Dana. E escondia uma outra história em cujos corredores eu já tinha entrado às escondidas.

## O Pão da Tristeza

Estou a vê-lo claramente. Um rapaz de três anos. Adormeceu sobre um saco de farinha vazio, no pátio do moinho. Um escarave-lho pesado e barulhento voa muito perto em cima dele e rouba-lhe o sono.

O rapaz abre apenas ligeiramente os olhos, ainda está ensonado, não sabe onde está...

Apenas abro ligeiramente os olhos, ainda estou ensonado, não sei onde estou. Algures na terra de ninguém entre o sono e o dia. É durante a tarde, mais precisamente naquele período intemporal do fim da tarde. Ouve-se o rangido regular do moinho. O ar está cheio de minúsculas partículas de farinha, uma ligeira comichão na pele, um bocejo, um espreguiçamento. Ouvem-se pessoas a falar, as vozes são calmas, monótonas, adormecedoras. Um quantas carroças desatreladas, meio carregadas com sacos, tudo coberto com aquele mesmo pó branco. Um burro está a pastar nas proximidades, tem a pata presa por uma corrente.